

Avaliação dos filmes e peças:
 ★★★★★ Ótimo ★★★ Bom
 ★★ Regular ★ Ruim
 ● Péssimo * Sem avaliação

☑ Aceita cheque
 ☑ Ar-condicionado
 ☑ Acesso a deficientes físicos

Estréia 'Auto da Compadecida'

O texto, de Ariano Suassuna, é encenado pela Cia. Atitude às qui. e sex., às 20h30, no Centro Cultural Santa Catarina (av. Paulista, 200, tel. 238-4190). R\$ 20

Peça traz obra de Clarice Lispector

"Que Mistérios Tem Clarice", que estréia hoje em São Paulo, será apresentada às qui. e sex., às 21h, no Sesc Consolação (r. Dr. Vila Nova, 245, tel. 234-3000). Grátis

URBANISMO *Encontro trata de projeto brasileiro para bairro da cidade; artistas criticam tratamento recebido pelos alemães*

Debate discute reurbanização de Berlim



Vista parcial de prédio do Bairro Amarelo, na capital alemã, já com as intervenções brasileiras, como os balcões em muxarabi

da Reportagem Local

O Instituto Goethe realiza hoje, a partir das 20h, uma mesa-redonda e uma mostra de 18 painéis fotográficos sobre o projeto de reurbanização de um bairro em Berlim, o Bairro Amarelo, localizado em Hellersdorf, na parte da cidade que pertencia à ex-Alemanha Oriental.

O projeto foi desenvolvido pela empresa brasileira Brasil Arquitetura, de Marcelo Ferraz e Francisco Fanucci, que concorreu com outros 55 escritórios de arquitetura de toda a América Latina.

Além dos dois arquitetos, participam do evento o artista Amílcar de Castro (que realizou uma escultura para o local), o crítico de arte Jacob Klintowitz, o jornalista Gilberto Dimenstein, do Conselho Editorial da Folha, e a arquiteta Regina Meyer.

O projeto consistiu na reurbanização de uma área residencial projetada pelo então governo comunista e que atende a cerca de 10 mil pessoas. Trata-se de um conjunto de edifícios construídos com estruturas pré-moldadas em concreto, o que lhes confere aparência idêntica.

"Trata-se de projeto para a valorização das condições de vida nesses imóveis, que precisam ser mais humanizados, pois reúnem milhares de pessoas em espaços residenciais absolutamente iguais. É um tema novo para os arquitetos brasileiros, pois se refere a uma arquitetura que ainda não é histórica, feita principalmente com pré-moldados", disse Marcelo Ferraz.

Para a "humanização" desses es-

paços, o escritório utilizou alguns recursos práticos e ornamentais presentes na arquitetura brasileira. Inicialmente, os parapeitos em concreto dos balcões e varandas foram substituídos por muxarabis, uma treliça em madeira de origem árabe que frequenta —via península Ibérica— a arquitetura colonial brasileira. "Na cultura árabe ela serve para você ver o exterior e não ser visto. Em Berlim, funciona como filtro de luz e de calor", disse Ferraz.

Outro elemento frequente na arquitetura brasileira —os azulejos decorados— também foi exportado para Berlim. O escritório Brasil Arquitetura convidou as índias da tribo kadiwéu, do Mato Grosso do Sul, para que desenvolvessem padronagens para o bairro alemão. O conselho da tribo fez então um concurso entre mais de 60 artistas, que resultou em cerca de 400 padronagens, entre as quais foram escolhidas seis.

Um terceiro ponto do projeto —nem tão consensual— foi a instalação de quatro esculturas de artistas brasileiros nos portões do bairro. Foram escolhidos Amílcar de Castro, Siron Franco, Franz Krajcberg e Miguel dos Santos.

Até o momento, apenas a de Amílcar foi instalada, e pelos menos dois deles, Krajcberg e Miguel dos Santos, não pouparam críticas aos alemães.

"Nos trataram como artistas do Terceiro Mundo, com muita arrogância. Fiz uma escultura sobre a amizade entre os povos, mas não fui bem tratado. Eles querem mudar as esculturas, escolher as cores,

mas eu não admiti isso", disse Krajcberg.

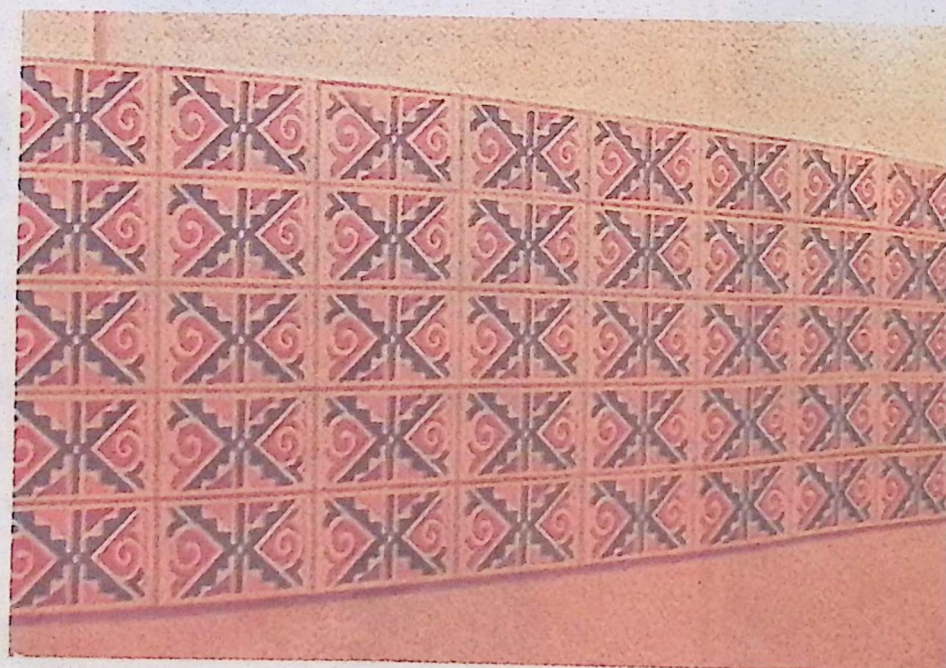
"Nós, sul-americanos, não devemos nos curvar para termos trabalhos em Berlim. Não precisamos ser prostitutas da arte. Se eles quiserem pagar pelo trabalho, que paguem. As obras deveriam ter sido tratadas como parte integrante do projeto e não como lanterna. Os alemães continuam como no filme 'A Vida é Bela', tratam o cidadão sul-americano como sendo de segunda categoria", disse Miguel dos Santos.

O goiano Siron Franco, porém, não se incomodou. "Fomos submetidos a uma sabatina durante horas, mas achei normal, pois trata-se de arte pública", disse.

"Os trabalhos não foram tratados como lanterna. É natural que eles passem por uma comissão de urbanistas e críticos", justificou Marcelo Ferraz. "Krajcberg realizou sua escultura e já concordou em mandá-la", complementou.

Krajcberg acredita, porém, que as outras duas esculturas não serão mais compradas pelos alemães. "Existe esse risco, por problemas de ordem financeira ou política, mas não vi ainda nenhuma sinalização nesse sentido", disse Ferraz. (CELSO FIORAVANTE)

Azulejos em cerâmica cuja padronagem foi desenvolvida por índias da tribo kadiwéu, do Mato Grosso do Sul, especialmente para Berlim



Evento: mostra de painéis fotográficos e mesa-redonda sobre a reurbanização do Bairro Amarelo, em Berlim
Onde: Instituto Goethe (r. Lisboa, 974, Pinheiros, tel. 280-4288)
Quando: hoje, às 20h; a mostra prossegue até 4 de junho, de segunda a sexta, das 9h às 19h, e sábado, das 9h às 13h
Quanto: entrada franca